

Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito

Isabel de Barros Dias
Universidade Aberta e IELT /
IEM (FCSH/NOVA)
Isabel.Dias@uab.pt

Resumo

A lenda de fundação de Roma é universalmente conhecida. Bastante menos conhecidas são as inúmeras lendas que marcam múltiplos espaços urbanos e que aqui procuraremos analisar. Reproduzindo, frequentemente, estruturas e *topoi* da lenda arquetipal romana, muitos dos relatos que se referem à fundação de cidades atualizam ainda outros tópicos, também presentes em outros relatos de fundação (como cosmogonias e *origo gentis*) e ainda integram, com alguma frequência, características etiológicas cristalizadas em etimologias especialmente imaginativas. Em comum têm o facto de fixar uma imagem identitária coletiva que pode inclusivamente ser alterada ao longo do tempo.

Palavras chave: lendas, fundação, cidades, etimologias, imagem identitária.

Resumen

La leyenda de la fundación de Roma es universalmente conocida. Bastante menos conocidas son las numerosas leyendas relativas a otros muchos espacios urbanos que aquí vamos a analizar. Reproduciendo, con frecuencia,

Isabel de Barros Dias, “Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito”, *Cartografías del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

estructuras y *topoi* de la leyenda arquetípica romana, muchos de los relatos que se refieren a la fundación de ciudades actualizan otros tópicos, también presentes en relatos de fundación (como cosmogonías y *origo gentis*) y además en ocasiones incorporan características etiológicas cristalizadas en etimologías especialmente imaginativas. Tienen en común el hecho de fijar una imagen identitaria colectiva que puede incluso ser modificada con el paso del tiempo.

Palabras clave: leyendas, fundación, ciudades, etimologías, imagen identitaria.

Diversos estudos sobre identidade têm-se debruçado sobre lendas de fundação étnica, as chamadas etnogéneses¹. Trata-se de relatos que nos dizem muito sobre o modo como determinados grupos humanos se viam, a imagem que pretendiam projetar de si e como olhavam para o passado. A atenção que tem sido dedicada a estas narrativas talvez seja, em parte, responsável pela menor incidência de estudos sobre outros dois tipos de relatos semelhantes, as cosmogonias, que apresentam o caráter mais amplo, referindo-se à formação do mundo ou do cosmos; e, no outro extremo, os relatos mais locais, as lendas de fundação de cidades ou de lugares. É precisamente sobre este último subgrupo lendário que nos debruçaremos a seguir, tendo como base de estudo as Partes primeira e segunda da monumental obra historiográfica *Monarchia Lusitana*, da autoria de Frei Bernardo de Brito (Baltasar de Brito de Andrade, 1568-1617).

Em termos genológicos, as lendas apresentam algumas características que as aproximam da historiografia. Já Arnold van

¹ Veja-se, a título de exemplo, estudos como o de Claude-Gilbert Dubois, *Récits et mythes de fondation dans l'imaginaire culturel occidental*, Pessac, Presses Universitaires de Bordeaux, 2009 ou o de Patrick Geary, *The Myth of Nations: the Medieval Origins of Europe*, Princeton University Press, 2003.

Gennepe distinguiu a lenda relativamente ao conto e ao mito com base no facto de esta apresentar amarras geográficas e/ou cronológicas, ou seja, trata-se de relatos que se associam a um local específico e/ou que procuram situar cronologicamente os acontecimentos que relatam, pondo em cena personagens concretos, humanos, sejam eles efetivamente históricos ou pseudo históricos (como reis ou antepassados famosos, santos, um herói civilizador ou fundador...)². Mais recentemente, a questão da localização da lenda na constelação dos géneros narrativos foi retomada por Lauri Honko³ que desenhou um esquema quadripartido de sobreposições parciais onde quatro tipos específicos de lenda tocam outras tantas formas literárias. Assim, os relatos etiológicos aproximam-se dos contos de fadas; as lendas de santos ombreiam o mito; a lenda de convicção ou de fé (*belief legend*) aproxima-se da história sagrada; e a lenda histórica intersecciona a história propriamente dita. Este esquema, onde a proximidade entre lenda e historiografia é claramente contemplada, tem vindo a estimular reflexões posteriores, caso das desenvolvidas por Linda Dégh⁴.

Esta proximidade genológica terá sido, em grande parte, responsável pelo facto da historiografia ter, ao longo dos tempos,

² Arnold van Gennepe, *La formation de légendes*, Paris, Flammarion, 1912 (Nabu Press Reprints). Para além das particularidades já referidas, de acordo com este autor, as lendas comungam ainda das características habitualmente atribuídas às narrativas tradicionais: criação e divulgação coletiva, com valor, não só estético, mas também utilitário, podendo ainda articular-se com ritos específicos. Van Gennepe propõe ainda algumas leis de formação de lendas: "J'appellerai donc maintenant lois, les principes déjà indiqués ci-dessus de la *localisation* et de la *délocalisation*; - de l'*individualisation* et de la *désindividualisation*; - de la *temporisation* et de la *détemporisation*; - de la *convergence* et de la *dissociation* des thèmes." (p. 280).

³ Lauri Honko, "Folkloristic Theories of Genre", in Anna-Leena Siikala (ed.), *Studies in Oral Narrative - Studia Fennica*, 33, Helsinki, 1989: 13-28.

⁴ Linda Dégh, *Legend and Belief*, Bloomington, Indiana University Press, 2001 - veja-se, nomeadamente a p.80.

integrado tantas lendas, um processo que se manteve vivo e funcional inclusivamente no momento em que a historiografia começa a acentuar uma vertente mais argumentativa e a sublinhar procedimentos de raciocínio lógico e “científico”, nos séc. XVI-XVII, caso precisamente da *Monarchia Lusitana*. Apesar da aparência mais racional e especulativa, o carácter faccioso e as frágeis bases de alguma da argumentação desenvolvida nesta obra são evidentes e facilmente desmontáveis. Concomitantemente, verifica-se que estes textos não se divorciaram dos muitos traços de ficcionalidade, cultivados pela historiografia anterior, que não hesitou em integrar relatos de múltiplas origens, alguns de carácter épico-lendário, que podemos apelidar de “historiografia consuetudinária”⁵, e na qual as lendas de fundação de cidades se podem integrar⁶.

Tendo em consideração as características que acabamos de sublinhar, não podemos estranhar que a *Monarchia Lusitana* se inicie ao modo das Crónicas Universais, com o Génesis, a cosmogonia judaico-cristã, passando seguidamente para a renovação pós-diluvial do Mundo, graças à dispersão dos filhos de Noé. Depois, apesar de haver referências a acontecimentos que terão ocorrido pelo Mundo, o texto centra-se na história, em grande parte mítica, dos tempos primordiais da Península Ibérica e, em especial, da Lusitânia, incidindo sobre sucessivas vagas de povoadores ou conquistadores,

⁵ Atribuo a designação de "historiografia consuetudinária" a relatos que reportam acontecimentos historiográficos ou pseudo-historiográficos sedimentados e validados pela tradição, posteriormente integrados na historiografia - veja-se Isabel de Barros Dias, *Metamorfoses de Babel A Historiografia Ibérica (sécs. XIII-XIV): Construções e Estratégias Textuais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia - Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003.

⁶ Para alguns exemplos de lendas de fundação de cidades integradas na historiografia medieval ibérica, veja-se os pontos 3 e 4 de Isabel de Barros Dias "Relatos de fundação de cidades: permanências e mutabilidades" in *Relatos de Criação, de Fundação e de Instalação: História, Mitos e poéticas / Relatos de Creación, de Fundación y de Instalación: Historia, Mitos y Poéticas*, Lisboa, IELT-FCSH/NOVA (no prelo).

momentos estes que são pontuados por múltiplas situações fundacionais.

A maioria das referências a fundações remete para um ponto que é fundamental nestes relatos, a questão linguística da nomeação do espaço. Em grande parte dos casos, faz-se derivar a designação da nova cidade do nome do seu fundador, com base em etimologias rebuscadas e imaginativas: Túbal, neto de Noé funda Setúbal⁷; Brigo, senhor de Espanha, funda Lacobriga (ao pé de Lagos), Cetobriga (perto de Setúbal) e Conimbriga (junto a Coimbra), Medobriga (junto a Portalegre), Celiobriga e Brigancia⁸; Ulisses funda Lisboa (Ulissipo)⁹; o príncipe Abidis funda Santarém (Scalabis)¹⁰...

⁷ "Aqui viueo Tubal algũs annos, com toda a gente de sua companhia, apacentando os gados em que tinham naquelle tẽpo o melhor de sua riqueza, & delle se deo nome á noua pouoação, que fundara, chamandolhe Cethubala, que (segundo tem o Viterbense) tanto significa, como ajuntamento de Tubal," (ML, I, lv.I, fl. 6vb)

⁸ "vemos oje em dia a verdade nos nomes antigos das cidades, que ouue em Espanha: pricipalmente em nossa Lusytania, onde a memoria deste Rey foy mais celebrada, porque a todos os poucos q̃ fundauaõ nouamente, lhe dauão o nome de Briga. Como saõ no Reyno do Algarue Lacobriga, junto donde agora está a villa de Lagos, Cetobriga perto de Setuual, Conimbriga cidade famosissima, (...). Ouue allem destas, Medobriga junto a Portalegre, Celiobriga, Brigancia cidade muy principal neste Reyno: pellos illustrissimos Duques que a gouernão" (ML, I, lv.I, fl. 14vb).

⁹ "Regendo Gorgoris o Reyno de Lusytania, & os mais de toda Espanha, apportou nella Vlysses com algũas embarcações, que as ondas do mar lhe deixarão ysentas da tempestade, & subindo, como dissemos, pellas claras ondas do Tejo, sayo em terra, conuidado (como se pode julgar) do quieto porto, em que tinha as naos seguras, & da fertillidade, que na terra via, pera refazer os corpos canssados, por tão largas nauegações. Aqui esteue o prudente Capitão descanssando muitos dias, no fim dos quais querendo leuantar as vellas pera se tornar a Ithaca, achou as vontades de seus companheiros tão alheas neste particular da sua, que vendosse com pouco remedio, pera se tornar só a Grecia, escolheo por menos mal seguir o parecer, & desejo dos mais, começandolhe a fundar hũa fermosa cidade, junto do proprio Tejo, & nella hum templo sumptuosissimo, de fabrica marauilhosa, dedicado ao Idollo de sua Deosa Minerua (...). Acabada por Vlysses a grande machina do templo, pos as mãos na obra da cidade, fortificandoa com os melhores, & mais fortes muros, que naquelle

Em alternativa, o nome da nova cidade pode decorrer da designação da etnia dos seus primeiros povoadores, o que se verifica quando se refere que Gregos (ou "Grayos") fundaram Gaia¹¹, de onde

tempo se costumauão, repartindo a obra por varias companhias da gente, pera que com a interpollação do trabalho, o não sentissem tanto, deste modo concluyo Vlysses breuemente sua pouoação, dandolhe (como quer Solino) seu proprio nome, do qual se chamou Vlyssea, ou como lhe chama Plinio Olysippo. (...)Foy tão grande o contentamento, que Vlysses teue desta pouoação, que esquecida a felicidade, & quietação de seu Reyno, punha todas suas forças em prosperar, & engrandecer o que de nouo fundaua: & refazendo as embarcações destroçadas, se occupauão em pescar no Tejo, a variedade de grandes & sabrosos peixes, que em si cria, de modo, que quanto mais estauão na terra, tanto menos causas se achauão pera se lembrar da sua" (ML, I, lv.I, fl. 65vb-66rb).

¹⁰ "succedeo no Reyno de Portugal, & nos mais, que auia em toda Espanha Abidis seu neto, (...)em tempo do qual foy a gente de Portugal muy fauorecida, porque como sua origem, & nacimiento fosse nesta parte de Espanha, a inclinação o mouia a engrandecer com obras fauoraueis a gente della. E pera satisfazer no modo que se permittia, o beneficio da criação ás brenhas, em que o lançarão fundou nellas, (como ja tocamos acima) hũa pouoação muy insigne chamada Scalabis, fauorecido como quer Laymundo pellos Gregos de Lisboa, onde sua mãy Calypso viuia como Senhora, a quem se deuia o regimento daquella pouoação, por estar algũs tempos casada, com seu fundador Vlysses, & deueo ser tanta a comunicação, & parte, que os de Lisboa tiuerão no principio, & fundação desta villa, (...). Aqui fez Abidis cabeça, & assento principal de seu Reyno, & na prosperidade, & magnificencia della, trazia o cuidado mais, que em nenhũa outra cousa, incitandoo a isto, não somente a natural inclinação, que he hũa parte muy grande nas cousas: mas a frescura, & commodidade grande da terra, accomodada a todas as cousas, que seruem pera se passar a vida." (ML, I, lv.I, fl. 69vb-70ra).

¹¹ "vierão as outras nações de Lusytania a chamar aquelles Grayos, que tanto significa como Gregos, depois corrompendosse o vocabulo, lhe chamarão Grauios, ou Gronios, como lhe chama Pomponio Mella, & nisto cayo muy bem o poeta Sylo, em seu terceiro liuro dizendo, que por corrupção do nome Grayos, lhe chamarão Grauios. Dos quais (se me he licito no meyo de tantas opiniões escrever a que tenho) cuido eu que ficou inda o nome naquella pouoação, forteira da insigne cidade do Porto, chamada Gaya, com muy pouco corrupção do vocabulo antigo, onde se mostrão oje as ruinas de hũa fortaleza ja gastada do tempo. E como algũas nações, que começarão pello tempo adiante, de contratar em varias partes, viessem áquelle

Isabel de Barros Dias, "Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardino de Brito", *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

depois derivou o nome de Portugal; ou que Franceses Helvéticos terão povoado Elvas¹².

A nomeação pode ainda remeter para memórias da etnia fundadora, estabelecendo uma ligação com elementos associados ao seu local de origem, o que sucede na passagem que explica o nome de Braga como homenagem ao rio “Bragada”, que correria pelas terras de onde os Africanos fundadores desta cidade seriam naturais¹³ ou ainda quando se refere à fundação de Lamego, inicialmente chamada Laconia, em memória da pátria dos Gregos, seus fundadores¹⁴.

porto, donde os Grayos tinham feita sua pouoação, dandolhe nome conforme com o dos moradores, lhe chamaão porto Grayo, corrupto depois o vocabulo, lhe chamarão Portugallo, & como em Latim se chamão os Franceses Gallos, ouue contemplatiuos, que fingirão certa vinda dos Franceses áquellas partes, & delles diriuarão o nome de Portugallo, a qual conjeitura eu soffrera de melhor vontade em gente vulgar, & que tem pouca noticia de antiguidades, que em authores auidos por homẽs de muita marca, & que em chamar a todos mentirosos, acreditão seus disparates. Mas como isto seja parecer meu, & tirado só pellas conjeituras, & rezões que appontei, não quero que se venda tão caro, como os mais, deixando em mão dos leitores a elleição, que melhor lhe parecer" (ML, I, lv.I, fl. 67va-b). O assunto é ainda retomado no livro seguinte: "chamandolhe os nauegantes Porto Grayo, por respeito dos Grayos, ou Gregos, que nelle viuião" (ML, I, lv.II, fl. 120ra).

¹² "Foraõse pouco & pouco mettendo pella terra, acostados ao rio Goadiana, té darem onde agora vemos a cidade de Heluas, a qual sente Andre de Resende em suas antiguidades Lusytanas, ser obra, & pouoação destes Franceses Celtas, deriuandolhe o nome de Eluas, dalgũs Franceses Heluetios, que vinhão em companhia destes" (ML, I, lv.I, fl. 77rb).

¹³ "Braga foy fundada por gentes Africanas, que saydas com tempestade nesta prouincia, & feitas pazes com os moradores da terra, alcançaraõ assento pera fundar hum pouo, a quem derão nome de Braga, por lembrança do rio Bragada, que corre pellas terras, donde estes Africanos erão naturais" (ML, I, lv.II, fl. 118vb).

¹⁴ "Derão os Gregos nome á noua cidade, conforme as capitulações, & por renouarem a memoria de sua patria lhe chamaraõ Laconia, que foy seu primeiro nome (...)Ptolemeo a poem dentro na Lusytania, & seu commentador Iosepho Moletto, diz com nosso Laymundo, q̃ he a que agora chamamos Lamego, aças conhecida no Reyno de Portugal" (ML, I, lv.II, fl. 131va).

Isabel de Barros Dias, “Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

Finalmente, há casos em que não se procura explicar o nome da cidade. No entanto, não se deixa de referir a personalidade ou a etnia que a fundou, sempre em tempos recuados, como é o caso de Lacobriga / Lagos, fundada por Bohodes, capitão cartaginês¹⁵. Contrastando com estes últimos, há ainda casos cuja explicação é razoavelmente rebuscada, como Mértola, anteriormente Myrtilis, designação que resultaria da junção de Myr (que, na língua da cidade de Tiro significaria “nova”) com Tyro (o nome da cidade de onde eram originários os seus fundadores)¹⁶.

A importância da nomeação é incontornável, pois é esta que dá sentido e existência às coisas, uma vez que só o que tem nome possui verdadeiramente uma existência plena e uma identidade única. Por outro lado, em termos de imaginário identitário, é importante salientar o facto dos apontamentos da *Monarchia Lusitana* acima indicados se manterem totalmente na linha das preocupações com a

¹⁵ "Concluidas as pazes, & sacrificios, & vendo o Capitão Africano de quanta importancia era, senharearse de Lusytania, tratou dissimuladamente com os Portugueses, que pera o commercio entre elles ser mais frequente, lhe dessem lugar, onde fundasse hum pouo dentro na prouincia, que fosse como feira, & mercado de hũs, & outros. Os nossos, a quem não erão estes trattos sospeitosos, pellas frescas pazes, lhe concederão facilmente sua petição, & se offerecerão a trabalhar na obra, juntamente com os Carthagineses, a quem este consentimento foy de tanto gosto, que logo puserão mãos na obra, & fortificarão o sitio, onde agora achamos a cidade de Lagos no Reino do Algarue, a quem puserão nome Lacobriga, como a chama Ptolemeo, & Antonino Pio" (ML, I, lv.II, fl. 136vb-137ra).

¹⁶ "outros, seguindo sua nauegação aportaraõ na costa de Lusytania, (...) & trattaraõ logo com os principais do gouerno, que a Senhoria de Carthago tinha nestas partes, que lhe dessem lugar onde pudessem edificar hũa pouoação, pera viuer com suas molheres, & filhos: (...). Os Portugueses, (...) condecenderão na petição, com tal cautella, que o pouo se fundasse de commum trabalho, & pudessem viuer nelle Portugueses, & Tyrios juntamente (..) & querendo os Tyrios renouar naquella cidade a memoria de sua patria, lhe chamaraõ Myrtiri, ou Mirtyris, diriuandolhe o nome desta dição, Myr, que segundo apponta o Bispo Pinheiro, quer dizer em lingoa Tira, cousa noua, & de Tyro sua primeira patria, de modo, que tanto val Mirtyris, como Tyro a noua" (ML, I, lv.II, fl. 145va-146ra).

Isabel de Barros Dias, "Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito", *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

vetustez e com a etimologia que já marcavam o período medieval. O cuidado posto na análise das palavras com vista à determinação da sua origem pode ser encontrado, em grande escala, na obra enciclopédica *Origines* ou *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha (séc. VI-VII), que integra múltiplas referências a cidades cujos nomes são objeto de uma desconstrução explicativa, frequentemente muito imaginativa, desvendando assim ou o seu fundador ou algum elemento inerente à sua fundação (como um facto memorável ou uma particularidade geográfica). Como demonstrou Howard Bloch¹⁷, a busca da origem das palavras é isomorfa da preocupação com a antiguidade das linhagens, uma vez que, de acordo com o quadro mental da época, à maior vetustez correspondia a maior dignidade. Esta será uma questão de fundo que contribuirá para justificar o facto de tantos relatos de fundação terem sido integrados na *Monarchia Lusitana*: tratar-se-á de mais um elemento aduzido com vista à valorização do reino Português que, no momento, vivia o seu período de integração ibérica (note-se que o impresso da I Parte da *Monarchia Lusitana* está datado de 1597 sendo a II Parte de 1609, ambas dirigidas “ao catholico rei dō Philippe II do nome rei de Espanha emperador do novo mvndo”). Nos seus prólogos e dedicatórias, Frei Bernardo de Brito sublinha bem que o que o moveu a escrever a sua obra foi, em boa parte, a necessidade de esclarecer erros e imprecisões sobre a história de Portugal

(...) pellas poucas Chronicas, & Authores, que falão nesta materia. E algũs, que se pòdem descobrir, são tão pouco certos, & falão nas cousas de Portugal tão confusos, que vem a custar mais a elleição da verdade, ã buscar, & reuoluer quem a diga: & dos que ha, apurei o mais certo pera ornar esta Monarchia, que compus á sombra da clemencia, & fauor de vossa Magestade, a quem a ofereço, mais

17 Howard Bloch, *Étymologie et généalogie. Une anthropologie littéraire du Moyen Age français*, Paris, Seuil, 1989.

Isabel de Barros Dias, “Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

acompanhada de trabalho, que de artificio, que este não procurei muito em obra, que tem a verdade das cousas por principal fundamento (ML, I, dedic., fl. 2r).

principalmente os historiadores estrangeiros, ã entre as cousas antigas de Castélla, metterão, como de passo, as cousas de Lusytania, da opinião dos quais me aparto algũas vezes, & outras leuo a ordẽ, & estillo de historiar differentissimo: attribuindo aos Portugueses cousas, ã tẽgora não corrião por suas, & contando outras, de ã tẽgora se não tinha notícia (ML, I, pról., fl. 4v-5r).

e mostrar ao mundo o valor das obras do povo lusitano:

pera que visse o mundo as obras da nação Portuguesa, & deixassem os estrangeiros á vista de suas grãdezas de nos tratar com o afrontoso nome de Barbaros (ML, I, pról., fl. 4r).

Mas como naça de hũa inclinação natural este desejo de mostrar ao mundo as obras dos Portugueses (ML, II, prologo).

Depois do momento de maior fulgor e pujança mundial, a aventura ultramarina, o reino português vê as suas cidades perder centralidade em consequência da dimensão ibérica em que tinha sido integrado. Mediante este contexto, seria natural e urgente a defesa da maior antiguidade e nobreza do espaço lusitano. Daí que a grande maioria dos relatos de fundação surja na Parte primeira da obra que narra a história prévia à formação do Império Romano e ao nascimento de Cristo. Na Parte segunda, além de existirem muito menos alusões a fundações de cidades, estas alusões, regra geral, recordam fundações anteriormente realizadas¹⁸. Assim, a maior parte

¹⁸ Na II Parte fala-se na fundação de Moura, mas salvaguarda-se a sua anterior relação com Hércules (ML, II, lv.V, fl. 60rb), o mesmo sucede com o Porto, aludindo-se à sua anterior fundação por Gregos (ML, II, lv.VI, fl. 196rb-va). Só no caso de

Isabel de Barros Dias, "Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardino de Brito", *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

dos relatos de fundação de cidades referidos na *Monarchia Lusitana* remete para Gregos e Cartagineses, mais remotos e míticos, anteriores mesmo à fundação de Roma. Aliás, chega-se ao extremo de apresentar uma lenda de fundação de Roma segundo a qual esta cidade teria sido fundada por gente Lusitana¹⁹ que teria

Alenquer é que se estabelece a sua fundação por obra de Alanos, aquando das invasões bárbaras (ML, II, lv.VI, fl. 154rb-va).

¹⁹ "Reynou Hespero em nossa Lusytania, & nas mais partes de Espanha, dez annos, segundo tem comumente os authores, que d'elle fallão. Vendosse Atlante com a grandeza destado, que tanto desejava, tomando experiencia no mal alheo, se deu a ganhar vontades do pouo, mostrandosse a todos tão affabel, que mais parecia igoyal, & companheiro de cada hum, que Senhor absoluto. E foy lhe tão proueitoso este artificio, que não auia em toda Espanha pessoa, a quẽ não fosse menos difficultoso morrer mil vezes, q̃ faltar mea em seu seruiço. Viueo o mais do tempo em Lusytania, contente do modo & trato, q̃ via na gente da terra, onde lhe naceo (como apponta Laymundo) hum filho chamado Sic Oro, & hũa filha, a quem pos nome Roma (...)o certo he, que Atlante teue dez annos (como quer Gariuay, & Pineda) o Senhorio de Espanha, juntamente com o de Italia: donde foy auisado, que seu irmão Hespero, hia adquirindo tanto credito, & reputação com a gente da terra, que se não acudisse com tempo, corria grande perigo leuantarse lhe tudo quanto possuia em Italia. E deu grandes indicios a esta leue sospeita, saber, que a gente da Prouincia de Hetruria, o aceitara por seu governador, em quanto Iano o menor, q̃ por outro nome chama Beroso Camboblasco, não tinha idade conueniente pera administrar pessoalmente o Reyno, como em breues palauras refere Fabio Pictor, no seu liuro primeiro, da idade dourada. As quais nouas mouerão o animo de Atlante, a deixar o Reyno de Espanha, em mão de seu filho Sic Oro, & ajũtar em Lusytania, & Andaluzia, hum copioso exercito, com que se partio pera Italia, encomendando muy particularmente aos Espanhois o filho, q̃ lhe deixaua (...). E a Roma sua filha segunda, q̃ com elle fora de Lusytania, deu a gente Portuguesa, que leuara: a quem como natural, tinhão notauel amor, & com ella fez hũa pouoação no monte Capitulino, Senhoreando dalli todos os Aborigenes, q̃ viuiaõ naquella comarca, q̃ erão a gente antiga natural da terra. A esta pouoação deu Roma seu nome proprio, & lhe ficou té o presente tempo, aças nomeada, & conhecida no mundo por vniuersal senhora & cabeça, de todo elle. Não deixo de entender a nuuem de murmurações, q̃ leuantara a noua fundação de Roma, que contra a opinião de todos, tiro a Romulo & Remo, dandoa á gente Espanhola, & perticularmente á nossa Portuguesa, & de mim confesso que o não escreuera, quando achara menos de doze testemunhas, da minha parte. A primeira das quais seja Cayo

Isabel de Barros Dias, "Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito", *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

acompanhado uma princesa dos tempos em que os Gregos andariam pela Península e que se chamaria Roma... Um assunto corroborado, segundo Frei Bernardo de Brito, por nada mais do que 12 testemunhos de autoridade! Quando a lenda de Rómulo e Remo é abordada, não se deixa de fazer referência à história anteriormente relatada, reduzindo a ação dos gémeos a uma mera refundação:

Partidos depois chegarão ao antigo lugar de Roma, fundado (como doutamente apponta o padre Pineda) oitocentos & setenta & tres annos antes por Roma filha de Athlante, & como tão antigo, quasi posto em esquecimento: do sitio & comarca do qual se contentarão os dous irmãos tanto, que a chegarão a fazer hũa nobilissima pouoação cercada de muros & torres, renouandolhe o antigo nome de Roma, vendo quanta semelhança tinha com os seus, que erão Romulo & Remo (ML, I, lv.I, fl. 88vb).

A *Monarchia Lusitana* não é o primeiro texto historiográfico ibérico a integrar referências a lendas alternativas sobre a fundação de Roma²⁰. Porém, neste caso, é notória a intenção de sobrevalorizar a

Sempronio Senador Romano, que no liuro da Origem de Italia, nota por homẽs de pouca lição os ã cuidão ser Roma fundada por Romulo, sendo tanto ao contrario, que Romulo teue della o nome, & só lhe deue esta cidade a grandeza de muros, & pouoadores, com ã a engrandeceo, & fez mais notauel do ã antes era. Com esta opinião acosta Plutarcho na vida de Romulo, Dionisio Alicarnaseo, M. Porcio Catão Ephygenes author grauissimo, Grego de nação, ã expressamente diz serem Espanhois, os primeiros fundadores de Roma, a estes seguem o Bispo de Girona, Francisco Albertino, Florião do Campo, João Gil de Camora, Frey Alonso Venero, & outros muitos ã deixo de allegar, porã os nomeados com Beroto, João Annio, & Fabio Pictor, acabão de fazer hũa duzia de authores, que sustentão minha opinião, em companhia dos quais estimarey muito de passar por quaisquer leys, ã os censuradores de cousas exquisitas me quizerem pôr" (ML, I, lv.I, fl. 33va-34vb).

²⁰ Já a *Estoria de Espanna* de Afonso X refere que Rocas, um rei mítico da antiguidade hispana, teria escrito o nome de Roma numa pedra depois encontrada por Rómulo e Remo, estabelecendo assim uma ligação entre o centro do mundo antigo e a Península Ibérica (*Primera Crónica General de España* (ed. de Ramón Menéndez Pidal,

Isabel de Barros Dias, "Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito", *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

região lusitana e as suas populações que, inclusivamente, teriam entrado na Espanha profunda, seguindo o Guadalquivir, até Valência, cidade esta que teria sido fundada por homens de Viriato, dispersados depois da morte do seu líder:

Assinoulhe o Consul pera sua viuenda hūs campos abūdantísimos, & acomodados a todo genero de fructos, & sementes, que quisessem lançar nelles, acompanhados da costa marittima, pella parte do meo dia, & diuididos pello meo com a branda corrente do caudeloso rio Turia, chamado em nossos tempos Guadalauiar, (...) & atrauessando grande parte de Espanha, forão tomar pösse da noua patria, onde logo começarão a fundar hũa pouoação, a que chamarão Vallença, dandolhe este nome como quer nosso Resende, por memoria do esforço, & vallentia do Capitão Portugues, debaixo de cuja bandeira mideira militarão, & das proezas, que em sua cõpanhia fizerão (ML, I, lv.II, fl. 242rb-va).

Note-se ainda que frequentemente os relatos de fundação são acompanhados por elogios à beleza e à fertilidade dos territórios onde as cidades assentam, o que vai ao encontro de um *topos* recorrente das obras geográficas e historiográficas anteriores, e onde, à semelhança do que sucede com o processo etimológico, a matriz isidoriana também é especialmente marcante²¹, matriz esta que *Monarchia Lusitana* adapta a locais mais específicos²².

reed. de Diego Catalán), Madrid, Gredos, 1977, vol. I: 13a e 85a.). A esta história acresce uma curiosa nota segundo a qual o primeiro nome de Roma teria sido “Valência” (*idem*, vol. I: 84).

²¹ Veja-se o prólogo à *Historia de regibus Gothorum, Vandalorum et Suevorum*, de Santo Isidoro onde se encontra o encómio conhecido como *Laus Spaniae* (ed. de J.-P. Migne disponível em http://www.forumromanum.org/literature/isidorus_hispalensis/historia.html (consultado em dezembro de 2015)).

²² Veja-se, a título de exemplo, a seguinte passagem: "Porque os abundantísimos campos do Tejo, são naturalmente tão dispostos a toda fertilidade, que com muy

Isabel de Barros Dias, “Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integradas na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

A capacidade de adaptação a contextos diferentes é ainda uma das características mais significativas da literatura oral onde processos como a variação e a contaminação constituem motores de uma inovação textual permanente. Como exemplo da ocorrência deste tipo de fenómenos, veja-se a história do mítico príncipe Abidis, considerado o fundador de Scalabis (a atual Santarém) e que recupera muitos dos *topoi* da lenda de fundação de Roma por Rómulo e Remo, e que, no fundo, também se inserem no quadro do imaginário do herói enquanto criança "marcada" desde cedo pelo seu destino, um assunto estudado, por exemplo, por Otto Rank e por Paloma Gracia²³.

Assim, e de acordo com o relato existente na *Monarchia Lusitana*, Abidis é filho de uma princesa e de pai desconhecido; a sua morte é procurada (neste caso, por três vezes: por abandono às feras do campo, exposto a cães famintos e lançado às águas do rio Tejo), sempre sem sucesso; é estabelecida uma ligação aos animais, que o alimentam com o seu leite (primeiro animais indeterminados e depois uma cerva) e, finalmente, são tantas as marcas de excecionalidade

pouco trabalho dos lauradores, dão grande copia de trigo & ceuada, colhido tão facilmente, que só cincoenta dias está na terra. Allem destes proueitos os costuma dar muy grandes aos pastores, com a oppullencia de sabrosos pastos, onde se cria todo genero de animais domesticos, como saõ copiosos rebanhos de ouelhas, de tão finas laãs, que podem competir com as de Inglaterra, (...). Traz muitos bois, & vacarias, tais como pintamos as de Gerião (...) allem das quais acrecentão sua fama com fermosos ginetes, com tanta rezão louuados antigamente, porque os desta comarca (se os homês se derão aos criar de boa raça) saõ os mais ligeiros, mais generosos, & mais guerreiros, que todos os de Europa. Ora se deixados os campos, quisermos notar os altos, em que a villa (Santarém) tem seu assento, & os outros ao redor, veremos, que estão competindo em fertillidade com elles, porque nos mais altos riscos, & no meo de escabrosas piçarras dão muita copia de azeite, donde se proue a mór parte de Espanha. Acrecentando a bondade de todas estas cousas, as grandes pescarias do Rio, em que he tão liberal, que sempre tem a terra bem farta & mimosa" (ML, I, lv.I, fl. 70ra-b).

²³ Otto Rank, *Le mythe de la naissance du héros / La légende de Lohengrin*, Paris, Payot, 2000; Paloma Gracia, *Las señales del destino heroico*, Barcelona, Montesinos, 1991.

Isabel de Barros Dias, "Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito", *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

que exhibe que o avô acaba por reconhecê-lo e por torná-lo seu herdeiro. Por fim, Abidis funda uma cidade epónima no local onde foi cuidado pelos animais²⁴.

²⁴ "hũa filha sua (de Gorgoris, rei da Lusitania) seguindo a leuiandade natuia, na mór parte das molheres, se namorou de hum homem particular, indigno de com honra sua o poder Gorgoris casar com a filha, & forão os amores tão secretos, que os veo a publicar a emprehidão da moça, com tanto desgosto do pay, que em nacendo o filho, como se a culpa do delicto, caira toda no innocente, mandou nelle executar a indignação, que os adulteros merecião, inda que não faltão authores, que digão ser esta indignação contra o neto, nacida mais da vergonha do pay, que da culpa da filha, affirmando, que emprehou do proprio Gorgoris, o qual afrontado desta brutallidade, quis encubrir o peccado proprio, com matar o neto logo em nacendo. Mas a ventura que o goardaua pera engrandecer com sua prudêcia o pouo Lusytano, ordenou as cousas por differente modo, pellejando contra a obstinação do auó, pella innocencia do neto, na conseruação do qual ouue marauilhas tão nottaueis, que parecem millagrosas. Porque sendo lançado em hũas brenhas, pera manjar das feras, foy algũs dias depois achado saõ, & alegre acompanhado dos animais, que com seu leite o sustentauão. E leuado com muito espanto ao auó, quis exceder a crueldade das feras, mandando encerrar hũs lebres grandes, & crueis, por algũs dias, pera que com a fome se ceuassem nas innocentes carnes do menino; mas nem estes quizerão tocar nelle por nenhum modo, goardando reuerencia ao sangue, & ser Real, que nelle auia. Do que enfadado Gorgoris, o mandou lançar em hum rio, que manifestamente Laymundo diz ser o Tejo, conformando com elle o Bispo de Girona, em certa oppinião, que logo declararemos: as ondas do qual o sustentarão quasi millagrosamente, leuando por tão comprido espaço, que o perderão de vista, aquelles, a quem Gorgoris o mandara lançar, & cuidando ser affogado, se tornaraõ com differente imaginação, do que na verdade passaua: porque o brando Tejo goardando com o menino a mansidão que traz de seu nacimiento, o lançou em terra junto donde agora vemos a famosa villa de Santarem, chamada dos antigos Scalabius, ou Esca Abis, que significa (como diz o proprio bispo de Girona) manjar de Abidis, por ser este lugar o primeiro em que hũa cerua lhe deu leite: & depois de grande, as brenhas em que andou o mais do tempo, forão as que estauão naquelle lugar onde agora vemos esta soberba pouoação, tão prouida de cousas necessarias á vida humana, que lhe chamaua el Rey Dom Affonso Henriquez parayso de delleites" (ML, I, lv.I, fl. 62rb-vb).

Isabel de Barros Dias, "Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito", *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

Ao invés deste relato, mais rebuscado, a maior parte das lendas de fundação que foram sobrevivendo na memória tradicional tem a forma de relatos muito simples, frequentemente baseados em etimologias muitíssimo fantasiosas, quando não simplistas ou quase anedóticas²⁵. Porém, tanto estes pequenos apontamentos, como lendas bastante mais elaboradas (caso da do príncipe Abidis), comungam da mesma finalidade básica: distinguir um local dos demais e dar-lhe importância, seja esta agregada a um animal quase totémico (como poderia ser a serpente que, na memória tradicional, se associa a Serpa²⁶), seja um fundador ilustre e antiquíssimo que impregna a cidade que funda com as suas qualidades heróicas e de exceção.

Esta finalidade primeira, por si só, já justifica a absorção das narrativas fundacionais pela historiografia, à qual estas lendas se adaptam com extrema facilidade. Com efeito, a maleabilidade, bem como a vertente pragmática, são características que estão na base da sobrevivência e do sucesso destes relatos ao longo dos tempos, uma

²⁵ Veja-se, por exemplo, o V Ciclo, dedicado a “Lendas etiológicas”, que ocupa as pp. 827-850 da recolha *Contos Populares e Lendas*, coligidos por J. Leite de Vasconcellos, coordenação de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho, Coimbra, Universidade, 1969, vol. II. Neste Ciclo, totalmente dedicado à explicação de nomes de terras diversas, podemos encontrar passagens como a seguinte, que se refere a Serpa: “Corre uma lenda segundo a qual a povoação de Serpa foi fundada por uma serpente, que está ainda debaixo do solo e donde surgirá um dia, se a vila for destruída.” (vol. II: 847); ou a relativa a Abrantes: “Conta-se que num cerco, quando Abrantes era praça fechada, a filha do governador perguntou ao pai se devia abrir ou fechar a porta aos sitiados, e ele respondeu: «Abre antes»” (vol.II: 829).

²⁶ Veja-se a citação na nota anterior. Neste caso estamos perante um relato que remete para uma característica bastante arcaica das lendas de fundação e que é a ligação a animais, sejam eles totémicos, substitutos sacrificais (inicialmente o sacrifício ritual de fundação icidiria sobre seres humanos) ou base de augúrios. Para mais informações sobre estes rituais e exemplos de indícios destas características em narrativas específicas, ver Isabel de Barros Dias “Relatos de fundação de cidades: permanências e mutabilidades” (no prelo).

Isabel de Barros Dias, “Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

vez que nunca deixaram de ser significativos ao nível do imaginário identitário e se adaptaram a contextos diversificados. As narrativas de fundação de cidades, ao fixarem e recordarem o momento inicial de uma dada urbe, marcam esse mesmo espaço com uma identidade local que se repercute nos seus naturais, como imagem coletiva que se cola ao espaço e aos seus habitantes, conferindo-lhes uma identidade remota específica, que os distingue dos outros que os rodeiam.

Estas características articulam-se perfeitamente com os propósitos gerais da *Monarchia Lusitana*, dado o contexto social e político do momento da sua redação. Apesar de se apresentar como mais científica e racional, esta historiografia não hesita em integrar lendas e mitos que se conjuguem com os seus objetivos, usando-os enquanto peças de uma argumentação de fundo que consiste na valorização do reino Português, seja no seu todo, seja nas partes que o compõem, perante um soberano distante. Naturalmente que as lendas de fundação de cidades não são a única peça desta argumentação, porém, colaboram no seu fortalecimento, em consonância com outros procedimentos, como o recurso a pseudo-profecias enaltecidas dos feitos lusitanos²⁷ ou, como se verifica

²⁷ A *Monarchia Lusitana* também não é o primeiro texto historiográfico ibérico a referir-se a monumentos que apresentariam (pseudo)profecias (para alguns exemplos anteriores, veja-se Isabel de Barros Dias, “O espaço urbano como encruzilhada de sinais”, *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, III série, nº 5 (*O Imaginário da Cidade*), 2003: 107-116), mas é notório como recorre a esta estratégia em proveito do enaltecimento lusitano: “Esta insigne cidade (Lisboa) foy sempre tão venturosa, que em poder de varias nações, & senhorios costumados a desbaratar glorias alheas acrecentou sempre a sua, de maneira, que he oje hũa das mayores, mais ricas, & nobres de toda Europa, cabeça, & assento principal dos felicissimos Reys de Lusytania, a cujo alto Imperio obedecem os poderosos Reys da India, tendosse por venturosos de pagarem tributos, & conhecerem vassalajem a nação tão bellicosa, como cria em si nossa Lusytania. O que parece adequinou muitos annos antes, quem escreueo aquelles fatidicos versos, achados não muy longe de Sintra,

Isabel de Barros Dias, “Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

recorrentemente na II parte da obra (que abarca o período desde a formação do Império romano aos momentos imediatamente anteriores ao reino português), a apropriação de relatos sobre santos e mártires²⁸ cuja ligação à Lusitânia é valorizada, como o seguinte título de capítulo exemplifica:

Da vida & obras marauilhosas de São Damaso Papa, natural da villa de Guimarães, & do pouco fundamento daquelles que o fazê natural de Madrid, ou Tarragona. (ML, II, lv.V, fl. 125va)

Finalmente, há que salvaguardar o facto de ser bastante provável que as lendas de fundação de cidades que integram esta obra tenham sido reescritas e manipuladas pelo historiador, Frei Bernardo de Brito, para melhor se articularem, estilística e ideologicamente, com a obra que estava a ser redigida. Trata-se de um procedimento bastante comum na época. A título de exemplo, veja-se como as composições do Romanceiro tradicional foram reelaboradas e desenvolvidas, ao gosto cortesão, no chamado “Romanceiro Novo”. Independentemente desta muito provável

em tempo del Rey Dom Manoel da gloriosa memoria, esculpidos em hũa collumna de pedra, mettida debaixo da terra, que dizião deste modo.

VOLVENTVR SAXA LITERIS ET ORDINE RECTIS,
CVM VIDEAS OCCIDENS ORIENTIS OPES,
GANGES, INDVS, TAGVS, ERIT MIRABILE VISV,
MERCES COMMVTABIT SVAS VTERQVE SIBI.

A significação dos quais he a seguinte: quando os Reynos Occidentais virem em si as riquezas do Oriente, se descobrirá esta pedra, & ficarão as letras della direitas, será cousa marauilhosa, ver o rio Ganges, o Indo, & o Tejo, communicar entre si as riquezas, que cada hum cria" (ML, I, lv.I, fl. 67ra).

²⁸ Podendo ainda dar-se a convergência entre lendas de santos e a nomeação de cidades, com é o caso da lenda de Santa Iria, contada extensamente no cap. XXVIII (ML, II, lv.VI, fl. 231ra-235ra) em cuja homenagem o nome de Scalabis teria mudado para Santarém. Este caso é especialmente interessante uma vez que a lenda cristianiza o que na verdade era o topónimo do período da invasão muçulmana.

Isabel de Barros Dias, “Lendas e historiografia: tópicos e funcionalidades de alguns relatos de fundação de cidades integrados na *Monarchia Lusitana* de Frei Bernardo de Brito”, *Cartografias del Portugués: Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos. Actas del IV Congreso Internacional de la SEEPLU*, 2016, pp. 516-534.

possibilidade, é importante também valorizar o facto de, à semelhança do que se verificou com os cantares de gesta peninsulares, que chegaram até nós graças à sua prosificação na historiografia medieval, a *Monarchia Lusitana* teve o mérito de ter preservado tantas lendas de fundação de cidades, algumas das quais chegaram até nós por outras vias, nomeadamente pela tradição oral, mas muitas outras ter-se-iam perdido se não fosse pela ação de intelectuais que, apesar das suas manipulações textuais, também, de certo modo, redigiram testemunhos e salvaram estas lendas do esquecimento total.